

A TRAPIZONGA DO *CHICO TURCO*

José Antônio de Ávila Sacramento

Chico Turco era o cognome de Francisco Mattar, um homem de fala mansa, de trato cortês e de gestos educados. Era inteligente, cabra forte, valente, bom de mira e de tocaias. Foi bastante temido na região, especialmente nesta urbe, nos nossos burgos e sub-burgos.

Há informações (ainda não confirmadas) de que ele era um Druso¹. Acredita-se que *Chico Turco* arrogava fazer justiça com as próprias mãos. Era homem muito precavido: não dava as costas para as janelas, não alimentava na casa de qualquer um e nem se assentava à mesa de um salão sem ter visão panorâmica do local. Foi uma espécie de justiceiro que viveu por essas bandas, no século XX. Antônio Gaio Sobrinho já fez menção à sua coragem e astúcia ao citar um episódio protagonizado por *Chico Turco* numa mina de ouro, referindo-se a ele como um “homem simples, mas um tanto quanto violento e destemido”, conforme registrado nas páginas 152-153 do livro “Memórias de Conceição da Barra de Minas”².

Desconfia-se de que o *Chico Turco* teve algum envolvimento com a trama da execução de Mohamed Adib Chichakli, um general sírio, perseguidor da comunidade drusa, que depois de deposto da presidência, passou a viver no Brasil e foi assassinado misteriosamente no ano de 1964, na cidade de Ceres, Estado de Goiás. O homicídio foi consumado pelo druso e lutador de boxe Nawal Ben Youssef Ghazal, também conhecido por Rachid.

Chico não era uma pessoa rica, mas levava uma vida mais ou menos folgada. A lealdade dele aos seus amigos era genuína. Era de poucos relacionamentos, mas cultivava alguns amigos pelas redondezas, na sua maioria latifundiários e/ou chefes políticos, aos quais sempre devotava muita fidelidade (e vice-versa).

Até a morte de *Chico Turco*, evitava-se falar muito sobre os seus feitos; quando mencionados, eles eram discutidos reservadamente³. Mas como dizem que não há segredo que fique guardado para sempre, algumas histórias vazaram. Vou contar-lhes uma delas que me foi narrada por pessoa confiável.

¹ Druso é um adepto da seita maometana extremista e secreta que tem raízes na Síria e Líbano, com ramificações na Jordânia e Israel. A tradição revela-nos que “ninguém se torna um Druso; para ser Druso, é preciso nascer Druso”! Dizem que os drusos dissimulam as suas crenças e finge aceitar a crença majoritária do local onde vivem, mantendo as suas no mais pleno segredo. A ninguém que seja de fora da seita é permitido saber algo deles.

² Obra editada pela Editora Imprensa Universitária/UFGM, Belo Horizonte, 1990.

³ Oyama de Alencar Ramalho contou-me uma história pitoresca: “o Chico Turco esteve preso com o *compadre Patativa*, na cadeia da cidade de Tiradentes. Certa feita foi lá um promotor colher a oitava dos presos. Ao indagar do carcereiro onde estavam os presos tais e tais, o guarda respondeu: *Hoje eles não estão, foram caçar pacas na serra!*”. Oyama desconfia de que os “presos” estivessem na serra na companhia de *Nhonhô Gomes*, que era perito nesse tipo de caçada e com quem já teve o prazer de participar de uma delas. “Bons tempos aqueles em que os presos podiam ter armas de caça!”, arrematou Oyama. José Alves Dangelo (o *Patativa*), já falecido, trabalhava como taxista em São João del-Rei e era considerado pessoa importante nas articulações e nas desarticulações políticas havidas nessa região. É atribuída ao “José Patativa” a façanha do *desabamento* de um palanque na Avenida Rui Barbosa (atual Avenida Presidente Tancredo Neves), no qual Lott e seus correligionários estavam a fazer o comício da sua campanha presidencial, em 23 de setembro de 1960. Saiba mais sobre a queda do palanque onde estava Lott em:

http://patriamineira.com.br/novo/imagens/img_noticias/154326050510_A_queda_do_palanque_de_Lott.pdf

Os fazendeiros dos arredores do distrito de São Miguel do Cajuru⁴, por ocasião da tradicional festa do padroeiro São Miguel, no mês de setembro, costumavam transferir-se com suas famílias para a sede do distrito. Nesse período, a rotina da fazenda era reduzida; o trabalho ficava por conta de um retireiro que cuidava apenas de tirar o leite, fazer os queijos e apartar as vacas. Tudo era feito no rancho, na casa de queijos e nos pastos, sem a necessidade de aproximar-se muito da sede da herdade. O grosso da lida era deixado de lado, mesmo porque até o próprio retireiro, depois de cumprir a sua obrigação principal, costumava voltar para a sede do arraial e também aproveitar partes da festa.

Por duas ocasiões, em anos anteriores, enquanto o “coronel”⁵ Leopoldo e sua família prestavam as suas homenagens a São Miguel e outros grandes anjos, entraram sorrateiramente na sede da sua fazenda. Foram furtados bricabraques e mantimentos. O responsável pelos furtos nunca foi identificado, embora tenha havido esforços neste sentido. O gatuno jamais deixara sinais de arrombamento. Aqueles acontecimentos intrigavam a mente do coronel Leopoldo; ele achava que se eles fossem revelados, decerto que manchariam a sua reputação de homem temido e respeitado.

Numa de suas vindas a São João del-Rei, por acaso, Leopoldo encontrou-se com *Chico Turco* num armazém que existia nas proximidades da Ponte do Rosário. O papo rolou solto. Conversa vai, conversa vem, Leopoldo resolveu contar-lhe o caso dos furtos. Lamentou que nunca desconfiara de quem pudesse ser o malandrão, apesar de já ter colocado uns capangas para investigar os fatos. *Chico Turco* lembrou-se de que o coronel havia sido leal com ele, quando anos atrás o acoitara na volta de uma de suas incursões misteriosas, após resolver um caso lá pelas bandas de Piedade do Rio Grande; portanto, alegou que tinha para com ele uma dívida de gratidão e achou que era chegada a boa hora de retribuir-lhe a gentileza. Prontificou-se a agir, dizendo a Leopoldo que considerasse o caso encerrado por antecipação. Afirmou com tranqüilidade que “o rato cairia na ratoeira já na próxima festa de São Miguel”. Prometeu ir à fazenda e agir. O coronel saiu daquele encontro bastante satisfeito, pois, no íntimo, a situação o incomodava, já que não ficava bem que alguém o furtasse impunemente.

Chegado o mês de setembro, na semana da festa, antes que o coronel saísse para o arraial, *Chico Turco* apareceu na fazenda montado em vistoso alazão. Portava chapéu Stetson na cabeça, botas de cano alto, parabélum no coldre do lado direito, vistoso punhal embainhado do lado esquerdo. Estava com dois sequazes. Espiou, espizou... Conferiu detalhes da segurança da casa e tranqüilizou o coronel, dizendo-lhe que ele e família fossem sem preocupações para o arraial; ele ficaria na tocaia, até que o “rato caísse na ratoeira”. O coronel, então, logo depois do almoço, foi para o Cajuru, deixando a sede da fazenda sob a vigilância de *Chico* e seus cupinchas.

Naquela mesma noite, para surpresa do coronel Leopoldo, chegou-lhe a notícia de que *Chico Turco* já estava no arraial, numa espécie de baile na Rua de

⁴ Um dos cinco distritos de São João del-Rei - MG.

⁵ “Coronel”, neste caso, não era patente ou posto militar, mas era como se conhecia o integrante de um sistema de poder político herdado da República Velha; geralmente era um poderoso, um grande proprietário de terras, um fazendeiro próspero, uma espécie de “barão feudal” que teimava em manter-se respeitado na sociedade para conservar para si algum poder decisório.

Baixo, divertindo-se com umas mulheres e saboreando uma leitoa assada da maior supinpicade. Como o coronel estava ansioso e curioso, resolveu ir até o covil; entrou no local meio cabreiro e com um gesto resabiado chamou o *Chico* num canto com a intenção de indagar-lhe se o “rato já tinha caído na ratoeira”.

Então, *Chico Turco*, depois de desvencilhar-se dos braços de uma cabrocha, foi ao encontro do coronel e deu risadas ao perceber que naquela indagação estava contido um tiquinho de reprimenda, posto que ele houvesse abandonado tão rapidamente a sede da fazenda. Abraçou o coronel e confidenciou-lhe que não havia motivo para quaisquer preocupações, pois “o serviço estava em andamento e, quem sabe, àquela hora, o rato até já teria até caído na ratoeira!”. Recomendou-lhe que ficasse tranqüilo, que dormisse sossegado e que ele saberia de mais detalhes quando retornasse à fazenda. Nada mais disse... O coronel, de início ainda meio desconfiado, acabou acreditando naquele discurso, pois era sabido que *Chico Turco* não era homem de descumprir com o apalavrado.

Acontece que *Chico Turco* já havia arquitetado tudo que iria fazer quando da sua vistoria na fazenda, ainda sob as vistas do coronel, ocasião em que percebera a taramela de uma das janelas da cozinha meio bamba e que havia uma fresta entre as suas bandeiras. As outras janelas e portas da casa ofereciam segurança. Ficou quieto. Imaginou que apenas por ali era possível uma pessoa entrar na casa e depois trancá-la sem deixar vestígios de arrombamento.

Assim, esperou apenas pela saída do coronel e família para tranquilamente conceber a arquitetura do seu plano. Ajudado pelos capangas, amarrou e armou uma carabina em um cavalete bem fixo no meio da cozinha. Com a arma apontada para a janela, prendeu-se um cordão ensebado no gatilho dela, passou-o por detrás de uma argola que estava presa na parede, passou-o noutra argola e amarrou a ponta dele na bandeira da janela; daquela forma, com a mínima tensão na bandeira da janela o fio seria esticado, o gatilho seria acionado e a espingarda dispararia um tiro certo na direção do seu vão. Depois disso, ele e seus séquitos rumaram para o arraial, aonde a festa decerto já corria solta!

Sabe-se que o coronel Leopoldo, ao retornar para a sua fazenda, depois da festa, encontrou em decúbito, estirado no chão do terreiro, bem debaixo da entreaberta janela da cozinha, um defunto com um tiro na altura do pescoço, já em estado de putrescência. Era um ex-agregado que morava numa tapera nos cafundós daquelas terras. Foi a partir da entrada na cozinha que o coronel Leopoldo pode começar a compreender a formidável trapizonga idealizada por *Chico Turco* e entendeu o que havia acontecido. Assim, percebeu também o porquê de ele ter abandonado tão rapidamente e tranquilamente a posição de sentinela da sua fazenda para divertir-se no arraial.

Ao escrever este artigo⁶, não foi e nem é a intenção deste escriba entrar na complicada seara de julgamento de valores ou das ações de *Chico Turco*. Até mesmo o nome do coronel Leopoldo pode ter sido uma quimera. O que vai aqui é um repto em favor da nossa memória. A figura, a trajetória e as ações de *Chico Turco* são como retratos de uma época e têm importância para a história, ainda que ele possa ser

⁶ Versão condensada deste artigo foi escrita e publicada originalmente na página 2 do Jornal de Minas, Ano IX, ed. nº 106, 24 a 30 de setembro de 2009, periódico editado e distribuído Neudon Bosco Barbosa na cidade de São João del-Rei - MG.

considerado por alguns como a uma versão regional do Jesse James ou do “Billy the Kid”⁷. Quando a lenda se apresenta muito maior do que a realidade, incautos poderão dar preferência à lenda! Por isto, creio que é preciso tentar reconstituir bem a história, até mesmo porque se assim procedermos teremos a oportunidade para desmitificar (ou desmistificar) alguns fatos e boatos.

Nesta cidade de São João del-Rei, aonde até “os sinos falam”, deve existir alguém que saiba muito mais coisas sobre a memória e a trajetória do intrépido *Chico Turco*... Então, por que não explicitá-las, livrando-as das brumas que as encobrem?



Chico Turco - foto de 1939
(Arquivo: J. A. Ávila)

⁷ **Jesse Woodson James** (Condado de Clay-EUA, 5 de setembro de 1847 — Saint Joseph, Missouri-EUA, 3 de abril de 1882), famoso cowboy do Velho Oeste norte-americano. **Billy the Kid** pseudônimo de Henry McCarty (23 de novembro de 1859 – 14 de julho de 1881), uma lenda no Oeste Americano.